



➔ Série de matérias sobre a enchente histórica de 2024:  
**28/04** - Tragédia anunciada  
**29/04** - Desafios para a Capital  
**02/05** - Educação pós-cheias  
**05/05** - Desabrigados pelas águas  
**06/05** - Canoas um ano depois  
**07/05** - Zona Sul e suas perdas

Mais de 60% do território da cidade, como o bairro Mathias Velho, foi inundado quando o sistema de diques colapsou; 180 mil canoenses foram impactados pelas águas

# Canoas: as marcas da cheia e a busca pelo recomeço

Município da Região Metropolitana foi o que mais registrou óbitos durante a tragédia climática de maio de 2024



Gabriel Margonar  
gabrielm@jcrs.com.br

No dia 1º de maio de 2024, Canoas não dormiu. A água, resultado de uma sequência de dias chuvosos, avançou sem aviso, cruzou muros, transformou ruas em rios e dissolveu fronteiras entre bairros. Em poucas horas, a cidade era outra – e, para muitos, irreconhecível. Mais de 60% do território foi inundado quando o sistema de diques colapsou. Mathias Velho, Harmonia, Guajuviras, Rio Branco e outros bairros desapareceram sob a lama. Mas não foram apenas casas e comércio que a água levou: ela também apossou-se de passados inteiros.

Hoje, um ano depois, Canoas, o município com mais óbitos durante a tragédia climática, já não é um cenário de botes à deriva. Escolas foram reabertas, parte dos diques passou por reconstrução e os abrigos se esvaziam aos poucos. Mas em cada reencontro com a cidade, o que salta aos olhos são as marcas que nem sempre estão nas paredes: estão nos gestos, nos silêncios e nos relatos de quem sobreviveu.

Bruna Lima, 31 anos, moradora do Mathias Velho, nunca imaginou que uma chuva, que lhe parecia comum, resultaria em tamanha destruição. “Quando saí de casa, a tempestade parecia ser só mais uma. Mas não foi”, conta. Em questão de horas, seu carro foi submerso e sua casa destruída.

Quando conseguiu retornar, dois meses depois, encontrou tudo perdido, mas o que mais a marcou foram as cicatrizes afetivas. “Minha filha perdeu tudo: a pulseirinha da maternidade, o primeiro brinco, fotos do aniversário... Essas coisas, a gente nunca mais verá”. Embora tenha tentado recuperar o que fosse possível, Bruna agora vive em um improvisado que já se arrasta para o cotidiano. “A gente aprende a sobreviver com o que sobra”, reflete.

O sofrimento da perda também foi vivido por Leandro Quevedo Soares, 45, no bairro Mato Grande. Ele e sua família receberam o aviso de evacuação no meio da noite, com menos de uma hora para deixar a casa. “Às 23h30min nos avisaram. Por volta de 0h10min, estávamos com mochila nas costas”, relembra. Quando conseguiram retornar, a casa estava reduzida a entulho. “Choramos por 15 dias enquanto tentávamos recuperar o que dava”, diz, apontando que a ajuda veio de quem estava ao lado – e não de cima. “Foi o povo pelo povo.”

A dor da perda é acompanhada pela revolta para Ana Rocha,

42, que não esconde sua indignação. Para ela, a tragédia não foi apenas uma questão de perdas materiais, mas uma sensação de falha por parte das autoridades. “O que eu aprendi com a enchente? A ter ódio”, responde, sem hesitar. Ela tentou alertar a família sobre um vazamento na área, mas o tempo foi implacável. Quando retornou, sua casa estava irreconhecível, com as lembranças de seu falecido pai e de momentos especiais levados pelas águas. “Não tem dinheiro que traga isso de volta”, lamenta, com raiva pela perda do que foi construído ao longo de sua vida.

E no meio de tantas histórias de dor, há também pequenas vitórias, como a de Paulo Gilberto Fischer, 68, aposentado, que encarou a tragédia com uma mistura de resistência e resiliência. Quando voltou para casa, parentes já tinham iniciado a limpeza, mas o cenário

ainda era devastador. “Era triste de ver. Barro, matinho, tudo espalhado por cima, sabe? Aí a gente foi tirando”, recorda.

Ele e a esposa reformaram o imóvel com a ajuda da família. “Eu e minha mulher que arrumamos tudo: pintamos, lavamos e reformamos o forro”, conta. Um momento marcante foi quando encontraram intacto um pote com R\$ 4 mil deixado pela filha – o valor foi usado na reconstrução da cozinha. Para Paulo, remoer não ajuda: “Ah, mas não adianta, né? O que a gente vai fazer? Já passou”, diz, com leveza, após 53 anos vividos na mesma casa, na rua Curitiba.

André Rogério, 52, conferente logístico, viu sua vida mudar completamente com a tragédia de maio do ano passado. Durante a enchente, se tornou voluntário e enfrentou o caos de uma cidade submersa, ajudando a evacuar abrigos e a salvar quem estava ao seu redor. “O cheiro era de podridão e morte”, lembra, com a voz embargada.

Até hoje, ele acorda com as lembranças vívidas: corpos boiando e gritos que ecoam em sua memória. Mas o momento que mais o marcou aconteceu em um abrigo improvisado, onde uma senhora de 85 anos, ao abraçá-lo, lhe disse: “Meu filho, eu ainda creio que vou reconstruir minha vida.” Essas palavras se tornaram um símbolo de resistência em meio à destruição, algo que André carrega consigo até hoje. A tragédia, para ele, não

## Números da tragédia em Canoas

**180 mil**

pessoas atingidas

60% dos moradores da cidade

**31**

mortos

**70 mil**

casas impactadas

sendo 5.502 consideradas inabitáveis

**1**

desaparecido

Água ultrapassou os

**6 metros**